



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657



A RÁDIO DA ESCOLA NA ESCOLA DA RÁDIO : EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AS TIC NAS ASPIRAÇÕES E TRANSPIRAÇÕES DO LUGAR

ROSANGELA PATRÍCIA DE SOUSA MOREIRA
TÂNIA MARIA
KÁTIA SOANE SANTOS ARAÚJO

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

A RÁDIO DA ESCOLA NA ESCOLA DA RÁDIO: EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E AS TIC NAS ASPIRAÇÕES E TRANSPIRAÇÕES DO LUGAR

Eixo Temático: Tecnologia, Mídias e Educação

RESUMO

A discussão do lugar enquanto espaço de vivência dos alunos dentro da sala de aula, ainda é algo limitado pelos conteúdos definidos pelo livro didático, por vezes, sem maiores contexto a realidade do discente. Numa perspectiva de intervenção, está sendo desenvolvido desde 2013 no IFBA – Campus Valença, o Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, que possibilita uma compreensão sobre o lugar, potencializado pela Educação Geográfica e o uso das TIC, despertando o sentimento de pertença, numa proposta dialógica com a educação científica.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar. Educação Geográfica. A Rádio da Escola na Escola da Rádio. IFBA

ABSTRACT

The discussion of the place while students living space within the classroom, is still somewhat limited by the content defined by the textbook sometimes without much context the reality of the student. An intervention perspective, is being developed since 2013 on IFBA - Campus Valença, the Project A Rádio da Escola na Escola da Rádio, which provides an understanding of the place, enhanced by Educação Geográfica and the use of TIC, awakening a sense of belonging in a dialogic proposal science education.

KEYWORDS: Place. Educação Geográfica. Project A Rádio da Escola na Escola da Rádio. IFBA

Introdução

A humanidade sempre buscou compreender questões das mais simples, e que ao mesmo tempo, nos remete a inquietações como de onde viemos e para onde caminhamos ou quem somos nós e qual o nosso papel enquanto ser social? Qual o nosso lugar? Tais questionamentos vêm mobilizando homens e mulheres a buscar respostas para compreensão da origem no passado e projetar o futuro, mesmo na incerteza que cerca o nosso amanhã. Será que estamos no lugar certo? Será que estamos seguindo os passos que gostaríamos e assim, alcançarmos realmente aquilo que sonhamos? Até onde influenciamos nos lugares, fixamos raízes ou simplesmente passamos? E a recíproca também é válida questionar. Daí, podemos invocar aquela velha máxima de que *a pessoa faz o lugar*, entretanto é certo afirmar

que o lugar também diz e representa muito às pessoas.

É preciso elucidar o lugar, não apenas enquanto objeto da geografia, categoria teórica, ou simplificá-lo enquanto recorte do espaço geográfico. O lugar precisa ser observado, vivido, experienciado e saboreado, pois para cada sujeito o paladar do lugar terá inúmeros sabores, e neste ensaio, sabor de esperança em torno de uma educação de qualidade e contextualizada com a vida.

O Projeto da Rádio e sua essência

O Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, é um projeto de intervenção na rede pública de ensino, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), vinculado ao Programa de Pesquisa Gestão e Tecnologias aplicada a Educação (GESTEC) e ao Programa de Pós graduação Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), ambos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). As prerrogativas do projeto “da Rádio”, tem como base a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para o entendimento do lugar no desenvolvimento de uma educação contextualizada com o mundo que cerca o estudante, para além das premissas da educação formal que se esconde sob a égide do vestibular, ou o mundo do trabalho. A educação neste sentido, transborda e atinge o âmago do estudante, na busca de seu lugar. Para alcançar tais objetivos, a formação a partir da educação científica, permite aos sujeitos envolvidos no projeto, construir o conhecimento a partir do aprofundamento do saber que eles já possuem sobre o local que habitam, desenvolvendo conseqüentemente popularização e difusão da ciência, no ato de suas pesquisas (HETKOWSKI, 2011). Desta forma, o projeto possibilita aos alunos participes, o reconhecimento de seus espaços, bem como a percepção de sua própria identidade com o ser social.

Assim, o Projeto *A rádio da escola na escola da rádio*, foi implementado juntamente a um grupo de jovens alunos do Ensino Médio do IFBA na cidade de Valença/Ba, como possibilidade de entendimento do lugar, a partir de questões que envolvem transformações urbanas, estigmas de bairros periféricos, segregações sócio espaciais, questões históricas, dentre outras situações que foram levantadas pelos próprios pesquisadores juniores.

Destacamos que, ações como estas desenvolvidas nos espaços públicos de educação, possibilitam inúmeras reflexões sobre questões inerentes à própria comunidade, oferecendo e possibilitando resultados e repercussões positivas para os sujeitos envolvidos na dinâmica proposta pelo GEOTEC e amparada pelo IFBA enquanto instituição.

Uma confluência entre saberes científicos (embasados por teorias, questões epistêmicas, correntes filosóficas) e saberes populares, que acompanham as gerações pós gerações de uma família, os quais caracterizam aquela comunidade que preserva a memória e as tradições e o conhecimento diário dos indivíduos que fazem parte dela.

O IFBA - Campus Valença: contextualizando o lugar

-A rede federal de ensino, que hoje conhecemos como IFBA, começou sua história no início do século XX, mais precisamente em 1910, como a primeira Escola de Aprendizes Artífices, na capital baiana. Ao longo dos anos, a antiga escola de Artífices foi passando por mudanças de nomenclatura como transformações estruturais e curriculares: já foi conhecida como Liceu Industrial de Salvador (1937); Escola Técnica de Salvador (ETS – 1942); Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA – 1965), que, a partir de 1993, com a fusão ao CENTEC (Centro de Educação Tecnológica da Bahia), surge o CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica).

Desde 2009, os CEFETs passaram a serem conhecidos como Institutos Federais, ofertando cursos profissionalizantes a nível médio, na modalidade integrada, cursos técnicos, subseqüentes ao ensino médio; e, sobretudo, os cursos superiores, em sua maioria, licenciaturas, um diferencial que justificou a mudança de Centro Federal para Instituto Federal.

Percebemos que o IFBA, apresenta em sua linha do tempo, uma história de mudanças, mudanças positivas, modificações conforme a necessidade da sociedade e o seu comprometimento de uma educação de qualidade.

Presente em diferentes áreas do estado, o IFBA oferece educação técnica em 19 cidades, através de seus Campi ou núcleos avançados, desde a capital do estado, áreas metropolitanas e seu interior, sendo eles: Barreiras, Brumado, Camaçari, Euclides da Cunha, Eunápolis, Feira de Santana, Ilhéus, Irecê, Jacobina, Jequié, Juazeiro, Paulo Afonso, Porto Seguro, Salvador, Santo Amaro, Seabra, Simões Filho, Valença e Vitória da Conquista.

O Campus Valença, espaço onde foi desenvolvido o projeto, está localizado na região do baixo sul do estado, em um bairro periférico de atividade tradicional e devido a esta localização, quando da sua construção / inauguração, na década dos anos 1990, visava atender o desenvolvimento da comunidade pesqueira, o que rendeu até os dias atuais, o pseudônimo de “Escola de Pesca”.

Desde a sua construção, o *Campus* Valença, vem passando por adaptações na oferta de cursos, buscando atender a comunidade local e as demais que buscam um diferencial na formação dos futuros profissionais baianos. A atual oferta dos cursos, bem como modalidades são resultados de consultas públicas, e atendidas conforme a disponibilidade e liberação de pessoal e recursos pelo Governo Federal.

O IFBA proporciona um serviço de educação técnica e também de nível superior, à comunidade local bem como para as cidades circunvizinhas da Costa do Dendê, e Recôncavo Baiano há 16 anos oferecendo cursos para modalidades do Ensino Médio Integrado (áreas de Aquicultura, Informática e também Guia em Turismo), Subsequente ao Ensino Médio (Aquicultura e Informática), Educação para Jovens e Adultos (Guia em Turismo), além dos cursos de Licenciaturas em Computação e Matemática. Atualmente trabalho mais efetivamente com as turmas do Ensino Médio Integrado predominante de um público composto por jovens entre idades de 15 e 19 anos. Estes jovens, aparentemente *uniformizados* pelo padrão escolar, carregam percepções, desejos e visões diferenciadas sobre o lugar, que em decorrência de atividades diárias previstas em suas grades curriculares, ficam subjugadas aos saberes inerentes de seus cursos.

A Educação Geográfica e as TIC nas aspirações e transpirações do lugar

Existe grandes diferenças entre ensino de Geografia e Educação Geográfica? Para alguns a primeira vista, apenas a grafia poderia ser diferente, mas há distinções e neste sentido, buscamos esclarecer esses dois conceitos.

Podemos dizer aqui, que o Ensino de Geografia pode ser referenciado ao cumprimento de um programa, estabelecido por normativas ou parâmetros educacionais, voltados a apresentar aos alunos como parte de um programa de formação, validados através de uma avaliação, Rego (2007). Contudo a grande distinção se apresenta ao passo que estes mesmos conteúdos podem ser abordados através de prática contextualizada, a qual possibilite aos alunos a compreensão dos fatos em seu cotidiano. Desta forma, a Geografia deixa de ser uma disciplina pertencente a uma grade curricular de uma série ou curso, e passa a ser integrante da vida diária dos alunos.

Fazer a educação geográfica requer o esforço de superar o simples ensinar Geografia “passando os conteúdos”, e procurar com que os alunos consigam fazer as suas aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos. (CALLAI, 2011, p. 15)

Neste olhar, a Educação Geográfica está presente em nosso dia a dia, a partir das contextualizações realizadas no processo de ensino, mas, sobretudo, ao que se espera do aprendizado. Sendo este perceptível na dinâmica de vida, em seus espaços de vivência, em pequenas ações.

Por esta visão, percebemos a Educação Geográfica como a possibilidade de permitir que o aluno se encontre no cerne das discussões e não apenas seja um espectador dos fatos narrados na sala de aula. Lembremos que, ao reconhecermos a Geografia como ciência social, os alunos como agentes partícipes dessa sociedade, se encontram diretamente inseridos no processo de transformação/produção/dominação do espaço vivido. Desta forma, a própria dinâmica de construção do conhecimento acontece com informações e fatos identificáveis no cotidiano desses alunos.

Dependendo das condições de vida e de educação que tem o aluno em seu convívio familiar, esta realidade pode estar muito próxima dele, enquanto para outro pode significar uma distância muito grande. Entendemos que, partindo do lugar em que se vive, é mais fácil compreender os fenômenos. (CALLAI, 1999, p. 61)

Ao se perceber na dinâmica do processo dos acontecimentos em seus espaços, em seu lugar como parte de um espaço coletivo, o aluno compreende melhor as questões sobre habitação, emprego, comportamento social, mobilidade urbana, dentre outras que possam vir a lhe ser apresentadas. Por conseguinte, passam a emitir opiniões sobre estas, construindo questionamentos, discutindo conceitos com maior propriedade, apresentando seu ponto de vista, que neste momento, pode ou não divergir dos que lhe são postos.

O aluno passa a fazer uma associação entre os seus saberes vividos na sua experiência com os conceitos da disciplina de Geografia, para assim, confrontar as questões do seu cotidiano, buscando compreender, entender e imprimir sentidos ao mundo a sua volta.

Esse exercício de questionar a partir dos fenômenos percebidos em suas realidades espaciais, o conduz a posicionamentos críticos de sua sociedade, a reflexões sobre seu papel como agente transformador e, das suas responsabilidades como corresponsável por “aquele” lugar, sua historicidade e continuidade à outras gerações.

Percebemos assim, que o ensino de Geografia, a partir do ponto de vista da Educação Geográfica, vai além dos

conteúdos ou questões teóricas da disciplina. Compreendemos que as discussões permeiam situações que podem e devem ser contextualizadas em diferentes aspectos e possibilidades vividas / experienciadas pelos alunos. O contexto pode ser percebido em enredos de tramas novelista, filmes de gêneros distintos. Além de situações presentes no dia a dia dos alunos, como abordagens sobre elementos inúmeros que compõe e representam a cidade.

E nesse sentido, aos poucos, com passos curtos, mas bem definidos, o grupo de partícipes do projeto no IFBA-Valença, começa a ter uma visão outra sobre sua rua, bairro, cidade, país e mundo. Tornam-se alunos críticos, desenvolvem habilidades, assumem a postura de cidadãos atentos e menos passíveis de serem ludibriados pela situação ou questões experimentadas e condicionantes de suas vidas.

Esse é ou deveria ser o papel da Geografia Escolar e da Educação Geográfica. Mas nem sempre foi assim... O ensino de Geografia foi caracterizado pelo modelo conteudista e despreocupado com as questões inerentes ao corpo discente. Estes tinham como tarefa a memorização e absorção dos conteúdos transmitidos pelo detentor do saber - o professor! Segundo FARIA (2012), inicialmente, as preocupações e objetivos do ensino de Geografia, estavam voltados a atender as diretrizes do governo, ora para constituição do país pelo reconhecimento territorial ou para seguir planos de progresso de desenvolvimento.

Mas como tudo neste mundo evolui, as coisas também estão mudando no mundo da escola! O processo de ensino e aprendizagem, crescimento pessoal e conhecimentos da área de Geografia na sala de aula, buscou seguir uma construção na qual, alunos e professores caminhassem lado a lado. A construção de uma Educação Geográfica onde as discussões, não necessariamente, estariam atreladas as diretrizes do livro didático. O conhecimento se constitui a partir de uma base conceitual, conduzido por uma organização de conteúdos, mas com aportes e questionamentos próximos a realidade da escola, dos alunos e de suas referências de vida, ou seja, de seus lugares.

Acreditamos que o ensino de Geografia torna-se mais próximo do aluno quando este se percebe parte das discussões, com oportunidades de expressar seu ponto de vista, construindo pontes entre o discutido em sala e o vivido em sua comunidade. Deixemos as fragmentações e questões regionalizadas, para abordagens presentes no entorno, e assim, caminhando para uma leitura de mundo, e formação cidadã de nossos alunos.

No contexto contemporâneo, os jovens dispõem de privilégios em relação a outras gerações passadas, pois imersos na era tecnológica, podem recorrer a diferentes possibilidades de reinterpretar, *aspirar* e *transpirar* os seus espaços e lugares. Estas possibilidades de deferir outro olhar e (re)perceber os lugares podem ser potencializadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC,

[...] potencializar as tecnologias significa ampliar as possibilidades criativas do homem, bem como ampliar os “olhares” à exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instâncias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido (rua, bairro, cidade, estado, país). (HETKOWSKI, 2010, p.6)

O uso das TIC como potencializadoras na dinâmica de reconhecimento do espaço vivido, oferece outras possibilidades para uma Educação Geográfica, onde a Geografia passa a fazer parte do cotidiano dos alunos, a partir de suas observações e críticas que partem o questionamento sobre a ocupação do espaço urbano para construção de diferentes empreendimentos; situações como o aumento do trabalho informal na cidade ou abandono de patrimônios culturais.

As TIC podem ser representadas através de diferentes instrumentos ou mídias, que podem partir desde matérias assistidas na televisão, como a interpretação de letras em canções que abordem o tema discutido, uma seleção de fotografias para registros de imagens voltadas à temática ou mesmo a discussão de um filme, até postagens e mensagens nas redes sociais presentes na *web*, compartilhando conteúdos e notícias, que são veiculadas em tempo real, que dinamizam as discussões incitadas na sala de aula.

Nos diferentes espaços de discussões e Educação Geográfica, a presença das geotecnologias aproximam ainda mais as *aspirações* e *transpirações* do lugar, onde para Brito (2013, p. 24),

Incorporar as geotecnologias às estratégias de ensino, principalmente no tocante a geografia, representa um ganho substancial de valor no ensino fundamental e médio. Ganho representado pela iniciação a uma outra linguagem, gramática e alfabeto, bem como na possibilidade de ampliar os conhecimentos sobre o espaço vivido e o mundo.

Mais importante que a presença dos recursos geotecnológicos e as TIC sobre uma ótica mais ampla na dinâmica do ensino, estão o sentido de promover uma reflexão com os alunos sobre suas contribuições na aprendizagem, sobretudo, além dos limites da escola, ampliando assim, suas diferentes possibilidades para reconhecimento do lugar.

Uma vez em suas ações em campo, imbuídos pelos objetivos de suas pesquisa, sejam elas para uma atividade da

escola ou para o desenvolvimento do Projeto, as ações de registro de imagens e troca de informações, a partir das entrevistas, já representam também a presença das geotecnologias. Seria mesmo? Sim. Com certeza!

Essa certeza está presente na concepção e reflexões que o GEOTEC delineia acerca do pensamento sobre tecnologia. Abraçamos e disseminamos discussões que propagam a tecnologia para além dos elementos materiais. A tecnologia faz parte do ser humano, está presente como um processo humano, e sem essa base, não haveria tecnologia. Desta forma, as tecnologias são vistas como um processo criativo e transformativo (LIMA JR; HETKOWSKI, 2006), desenvolvida por uma sociedade, voltada a atender suas necessidades.

E nesse viés, levamos em pauta que durante todo processo de desenvolvimento das atividades do Projeto com os alunos do IFBA - Valença, as discussões sobre as geotecnologias e as percepções e até desmitificação, que estas não estão representadas apenas em sua base física, estrutural ou meramente maquínica. Não é a presença de equipamentos sofisticados que nos remete a ideia de estarmos usando com as geotecnologias.

Isso justamente, porque, as tecnologias sempre estiveram presentes na sociedade, representadas por recursos, como linguagem ou desenvolvimento da escrita. Contudo, com o processo de informatização e mecanização da produção e, consequentemente, com a dinamização dos serviços, e também a valorização simbólica pelo discurso publicitário nos meios de comunicação de massa, criou-se a fatídica ilusão que a tecnologia estaria representada pelos modelos mais novos de dispositivos, como aparelhos celulares com inúmeras funções (as quais, muitos usuários nem sabem como utilizar, mas querem no celular), computadores compactos, que trazem a leveza e o design como chamariz de sua coibiça, aparelho de televisão cada vez mais finos e cheios de recursos adicionais, dentre outros exemplos que poderíamos preencher várias páginas.

Mas para nós, integrantes do GEOTEC, a percepção das TIC está apoiada em dois pilares, que representam as questões materiais sim, mas também o outro pilar, de grande importância e responsável por tudo que surge como “novo”, a base imaterial. É neste pilar que está representada a criatividade, o cognitivo, a imaginação e o poder de transformação presente do homem.

Afinal, porque limitar o pensamento sobre as tecnologias através das observações materiais, sem perceber a grandiosa responsabilidade do imaterial, sem o qual, nada seria possível?

Mesmo lugar, outros olhares

Através das distintas vertentes advindas do processo de criação e transformação das tecnologias, os alunos envolvidos no Projeto *A Rádio da Escola na Escola da Rádio*, desenvolvido no IFBA – Valença, buscaram outras possibilidades para compreender e (re)conhecer seus lugares.

Algumas destas possibilidades, destacamos aqui, como a representada pelo olhar mais apurado, refletido pelas lentes que, durante todo processo de investigação, captavam imagens do cotidiano de seus lugares. Imagens que retratavam ações ou paisagens comuns, avistadas diariamente, mas que por este mesmo motivo, tornavam-se aos olhos de todos, algo tão comum... Mas não para eles!

Os jovens pesquisadores do Ensino Médio encontraram no registro de imagens, outro olhar para o mesmo lugar, de forma própria e subjetiva. E esta forma peculiar e tão particular, é denominada por MOREIRA (2015) como caleidoscópio, isso porquê, mesmo que todo grupo estivesse trabalhando sobre o mesmo lugar, certamente, os olhares e a sensibilidade do registro, seriam únicos.

Nesta linha de interpretação, como parte da produção de material resultante da implantação do projeto “da Rádio” no IFBA – Valença, como a publicação de suas pesquisas em eventos científicos regionais e nacionais, o grupo lançou uma coletânea com breves relatos sobre as pesquisas realizadas pelos jovens pesquisadores. Esse material constitui o lançamento do Caleidoscópio, uma revista de periodicidade anual, a qual busca divulgar os trabalhos realizados pelos fazedores do Projeto, desde pesquisadores da Universidade do Estado da Bahia, ligados ao GEOTEC, bem como e principalmente, aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos participantes da proposta nas escolas públicas.

Aos poucos, o Projeto da Rádio passou a ganhar forma e sentido para todos envolvidos na proposta, ratificado a cada momento vivido e experimentado no *locus* de ação desses meninos e meninas do Ensino Médio na cidade de Valença – BA. E, imersos nessa dinâmica, o grupo constituiu um movimento de redimensionamento e potencialização de uma Educação Geográfica, a partir da imersão da investigação nos seus lugares, e principalmente, do despertar da criticidade sobre questões relacionadas diretamente com seus espaços vividos, e agora contextualizados e publicitados em diferentes formatos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Muito se ouve que a Educação é a chave para o nosso progresso. Mas será que estamos obtendo progresso em nosso processo educacional? Será buscamos acompanhar as transformações do mundo em nossas salas de aula, ou apenas reproduzimos o que nos dizem os livros? Precisamos ouvir, viver e sentir o que o está lá fora, para então saber o que fazer dentro da sala de aula.

Apresentamos aqui, um pouco sobre o desenvolvimento do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, como uma proposta de intervenção, presente no IFBA – Campus Valença, que aliado à Educação Geográfica e as TIC, possibilita um olhar outro sobre o lugar. Este outro olhar aproxima as discussões como também fomenta questionamentos e criticidades dos alunos que buscam compreender o mundo a partir desse pequeno fragmento do espaço geográfico.

Precisamos reconhecer que nossos alunos trazem uma vida de informações sobre seu lugar, e por muitas vezes, em detrimento do cronograma a seguir, enterramos suas curiosidades, sentimentos e histórias. E, sem percebermos, estamos enterrando ali também, as perspectivas de um aluno curioso sobre seu lugar, e quem sabe, até um futuro pesquisador social, pois as melhores pesquisas nascem das simples questões, das perguntas mais desprezíveis.

Assim, a produção da pesquisa por jovens do ensino médio do IFBA - Valença abre a possibilidade de abordagem sobre uma educação outra, pois as ideias e curiosidades do grupo de alunos desmistifica a pesquisa como “algo inatingível” por sujeitos da Educação Básica, que aos poucos se constituíam e assumiam a posição de autores, preocupados com a cidade, com a história, com prédios antigos, com a memória de um lugar com detalhes e procedimentos nos seus trabalhos.

O Projeto está no Campus Valença desde 2013, e assim como nas demais escolas em que o projeto é desenvolvido, vem frutificando bons resultados. Resultados que se expressam no nível de apropriação conceitual desses jovens e o desenvolvimento de uma postura própria enquanto ser social, ativo e transformativo em seu lugar.

REFERÊNCIAS

BRITO, F. J. de O. **Análise crítica da cartografia: potencialidades do uso de mapas na contemporaneidade.** Tese de Doutorado, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2013, 130 p.

CALLAI, H. C. **Educação Geográfica: reflexão e prática.** Ijuí: Ed. Injuí, 2011.

_____. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI et al. **Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões.** 2. ed. Porto Alegre. Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

FARIA, M. O. de. **Em busca de uma epistemologia de geografia escolar: a transposição didática.** Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2012. 230p.

HETKOWSKI, T. M. **PodCasting e rádio convencional: resgatando a memória da cidade de salvador (BA).** In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE) E I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO (SIRSSE), 2011, Curitiba. Anais... Curitiba, PR: PUC, 2011

_____. (Orgs). **Educação e Contemporaneidade: desafios para a pesquisa e a pós-graduação.** Rio de Janeiro: Quarteto, 2006.

MOREIRA, R.P.S. **O lugar da pesquisa na educação geográfica: relatos de experiências dos alunos do ensino médio IFBA – Campus Valença.** Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2015, 110p.

REGO, Nelson. **A geografia educadora, isso serve para...** In: _____; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. **Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio.** Porto Alegre: Artmed, 2007, pp.9-14.

[1] Abreviatura carinhosa como o Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio é referenciado por seus pesquisadores

e alunos partícipes da proposta.

[2] Material de natureza impressa, produzido juntamente com os alunos partícipes do Projeto da Rádio do Campus Valença, lançado em janeiro de 2015. Reúne um recorte das pesquisas, fundamentalmente com um leque de imagens registradas durante o processo de investigação feita pelos jovens pesquisadores.

Rosângela Patrícia de Sousa Moreira
Katia Soane Santos Araújo
Tânia Maria Hetkowski

Mestre em Educação – UNEB. Professora de Geografia do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA / Campus Valença. Membro do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade - GEOTEC. Pesquisadora do Grupo Educação, Ciência e Tecnologia / IFBA. E-mail: geo.pmoreira@gmail.com

Mestre em Educação – UNEB. Professora da Rede Municipal de Ensino de Salvador/BA e da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE/SSA. Pesquisadora do Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC/ UNEB. E-mail katiasoane@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Coordenadora do Mestrado Profissional de Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC / UNEB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade - GEOTEC. E-mail: hetk@oul.com.br

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 15/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Chartort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: